

Portinari: a cor, a língua e a fé

Por: Maria Clara Bingemer

Desde o início de 2003 o Brasil celebra o centenário de um de seus maiores pintores: Candido Torquato Portinari. Exposições as mais diversas são organizadas no país e no exterior e vozes das mais altas personalidades se levantam para prestar justa homenagem a este grande artista cujo pincel retratou o Brasil como nenhum outro.

O talento do menino de Brodowski tem corrido mundo. Suas pinturas mundialmente conhecidas fazem vibrar de emoção qualquer sensibilidade minimamente atenta para a verdadeira beleza e captação profunda da realidade humana. Pintor e poeta cuja arte não passa nem caduca, Portinari dá testemunho da fonte inspiradora que o possui e o faz externar algo do espírito divino que o habita.

É do próprio artista a modesta frase: "*Quanta coisa eu contaria se pudesse e se soubesse ao menos a língua, como a cor*". Mais conhecido como pintor e artista plástico, os poemas de Candinho não são menos notáveis, embora quantitativamente menos abundantes. Ver seus quadros, lendo ao mesmo tempo seus poemas permite perceber no entanto aspectos preciosos e às vezes algo ocultos dessa obra tão multifacetada quanto genial. Candido Portinari foi o primeiro a responder ao desafio feito por Mario de Andrade em 1933 de que os pintores brasileiros deveriam tomar uma posição "não apenas diante da natureza, mas diante da vida também".

Começando com *Despejados*, em 1934, sua primeira obra de temática social, Portinari nunca mais parou de externar em sua arte um encontro em profundidade com a pobreza e os pobres, em quem parecia reverenciar uma misteriosa presença. Pintou favelados e retirantes não muito diferentes de seus espantalhos. Indignou-se diante da miséria e da injustiça que a sociedade teima em ignorar. Escreveu poemas que externaram essa indignação e essa profunda solidariedade com os últimos da terra, deserdados de todas as benesses dos progressos de toda sorte.

Convencido de que "a condição do artista é ser um homem sensível" e de que "a injustiça humana, a miséria, as crianças famintas, são um grito tão grande que não pode deixar de ser ouvido.", Portinari entendeu sua arte não como privilégio, mas como missão. Assim é que declara: "O pintor social acredita ser o arauto do povo, o mensageiro dos seus sentimentos. É aquele que deseja a paz, a justiça e a liberdade. É aquele que acredita que os homens podem participar dos prazeres do Universo." O poema "Os inventariantes" escrito em Paris, 1961, explicita bem esta postura de Portinari proclamando – com poderosas ressonâncias da passagem evangélica de Mateus 25, 31-46 - o juízo que pedirá conta "*dos pobres assassinados*"

e

"da

Erva nascida do sôpro da inocência..."

Essa face do pintor engajado que retrata e denuncia as injustiças do contexto em que vive foi a que sempre predominou na leitura que se fez e se faz de Portinari. No entanto, este ano de seu centenário permitiu que se fizessem visíveis outras pérolas preciosas nem sempre tão destacadas por seus admiradores e críticos. Referimo-nos concretamente a sua fé, à fé católica de sua infância, recebida no regaço de sua amada e muito católica avó – a nonna – e desabrochada na maturidade.

Quando viaja à França em 1961, o oficialmente agnóstico Candinho deixa a pena correr em verdadeiros colóquios poéticos com o Deus que conheceu e amou desde pequeno, e que nunca deixou de habitá-lo e externar-se em sua arte. Dessa derradeira fase de sua vida, há poemas comoventes, como os que escreve contemplando o retablo de Grünwald em Colmar, França, no qual dialoga com o crucificado. Aí o artista escreve versos atravessados de com-paixão para com o sofrimento do Cristo que carrega consigo todos os crucificados da história: “Tanto te conheço/Tanto te vi e nãoTe vi./ Viajei mares/Enfrentei tempestades/Calor e frio./ A maldição/Está comigo. Conheces-a...” Aí também é expressa sua fome e sede de justiça sob a forma de irada indignação: “Malditos eles donos do mal/Não existirão”.

No mesmo poema, no entanto, pode-se sentir e quase apalpar a luminosa esperança em um encontro ulterior pelo qual seus olhos e coração anseiam. É assim que com tocante humildade e amorosa abertura de coração, Portinari escreve: “Breve estarei contigo / Já não há espaço/... O bem é teu, permanecerá./ ...Ah, mesmo cego, olharei teus olhos...”

Aquele que desejava poder e saber ao menos a língua como a cor para poder contar “tan ta coisa” foi agraciado com o divino dom de, para além da imagem e das palavras, conhecer o Mistério que lhe permitia esperar apesar de tudo. Senão, como explicar seus versos diante da figura do Cristo de Grünwald? Como explicar, mais ainda, o registro consciente e forte da presença da oração em sua vida desde menino, graças à nonna? “Muito católica, as primeiras orações foi ela quem nos ensinou. “

Não foi em vão o ensinamento da nonna. O menino de Brodowski não esqueceu suas lições de fé inabalável e compassiva caridade. Assim, com o mesmo ímpeto com que colocou sua arte a serviço dos pobres e oprimidos de todas as categorias, soube abrir o coração e deixar jorrar a ternura de uma fé cristalina e intocada. É isso que atesta o poema que deixou como testamento privilegiado para sua neta Denise, cujo nascimento foi um raio de sol em sua vida já declinante. Poema este por ele mesmo intitulado “Ensaio de oração”.

Artesão da cor e da língua, Portinari é portanto também o artista do sagrado que se revela no rosto do pobre. A exposição “O pobre e o sagrado na obra de Portinari”, no Solar Grandjean de Montigny da PUC-Rio até o dia 29 de agosto permite mergulhar nesta dimensão da obra deste grande mestre da cor, da língua e da fé.